

Caros leitores

Esta edição registra um momento muito especial da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA): o Prêmio ABCA apresentado, no dia 9 de setembro, em cerimônia especial contemplando e homenageando artistas visuais, críticos, curadores, pesquisadores e instituições culturais de todo o País. O texto de Alessandra Simões Paiva, presidente da ABCA, faz uma breve avaliação do início de sua gestão 2025-2027, desejando traduzir o trabalho da ABCA, “um esforço coletivo, cheio de desafios, mas que, passo a passo, vai se aprimorando”. Ressalta que a cerimônia do Prêmio ABCA pode ser considerada uma boa medida para avaliar os caminhos que a gestão vem trilhando: acompanhar as mudanças, abrir espaços, gerar sensibilidades para entender (ou, pelo menos, acompanhar) as mudanças velozes que marcam o sistema da arte brasileira. Entende que é desta forma que o Prêmio ABCA cumpre sua função de pontuar na história da arte brasileira o papel de artistas, gestores, curadores e críticos que estão fazendo a diferença. O texto destaca os artistas Sheilla Souza e Tadeu Kaingang, do coletivo Kókir, criadores do troféu junto à comunidade Kaingang. Em mais um evento que deu certo, a noite foi de celebração da arte e cultura em nosso país. Em nossa ABCA, a felicidade é muito grande com a roda do tempo se movendo e sempre buscando o melhor.

Nas páginas de *Artigos*, os leitores vão encontrar pesquisas pontuadas por reflexões no cotidiano da arte. Pascale Lismonde, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte, AICA-França, comenta a exposição

“*Le Brésil illustré – l’héritage post colonial de Jean-Baptiste Debret*”, realizada, com curadoria de Jacques Leenhardt, na Maison de l’Amérique Latine, em Paris, um dos eventos do ano França-Brasil em Paris.

O texto de Walter Miranda é a terceira parte de seu ensaio sobre a presença da mulher no campo das artes plásticas, durante a Idade Média. O autor argumenta que essa produção persistiu no tempo e comprova a presença da mulher nas artes da época.

Uma reflexão em torno da curadoria a partir de acervos de museus de arte e as estratégias expositivas utilizadas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) é a discussão de Francisco Dacol, problematizando o uso de categorias e convenções da história da arte.

A trajetória do artista tcheco Jan Zach, acolhido pelo Brasil em 1938, e as suas próprias experiências são o tema que move o artigo de Zuzana Paternostro, numa reflexão sobre o desenraizamento e a arte como território de resistência e liberdade.

Janaína Barros da Silva Viana e Wagner Leite Viana discutem uma poética da oralidade como forma de uma escrita ética e esteticamente passível de anunciar os eventos do tempo e espaço, na circunstância da sala de aula.

“As obras brasileiras expostas, em 1939, na Feira Mundial de Nova York” é o tema do artigo de Danielle Misura Nastari. Apresenta uma análise do texto crítico de Robert C. Smith sobre as pinturas brasileiras, destacando os três painéis de Portinari: “Jangadas do Nordeste”, “Cena Gaúcha” e “Festa de São João”.

A crítica Elisa de Souza Martinez lembra João Evangelista de Andrade Filho (1931-2021), um influente professor universitário, curador, artista plástico e crítico de arte, diretor de museus como o MAB e o MASC, sendo reconhecido com uma homenagem pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) pela sua atuação no ano de 2020. O artigo aborda o fato de que na Asa Sul, em Brasília, há pinturas no espaço público que não são grafites, e tampouco são painéis de propaganda ou decoração de fachada.

Em um Brasil enorme e assimétrico na existência de instituições culturais, é notícia alvissareira que uma galeria de arte e espaço cultural teve sua estreia, em dezembro de 2024, no Passeio Cultural Primavera, em Florianópolis. O programa tem o intuito de promover a cultura e as artes plásticas de forma integrada. Cabe destacar um fato importante. Na organização do espaço, três críticas da ABCA trabalham compondo a equipe, entre outras pessoas: Sandra Makowiecky, Luciane Garcez e Viviane Baschiroto.

Na seção Livros, Annateresa Fabris apresenta a pesquisa que José Armando Pereira da Silva dedica à Galeria São Luís, que atuou em São Paulo entre 1959 e 1966.

O livro “Além da Semelhança: o retrato na arte ultracontemporânea”, de Lilian Cristina Monteiro França, publicado pela Editora Amazilia Coral, investiga a transição do retrato do conceito de *likeness* para abordagens que privilegiam distorções, subjetividade e invenção. A resenha é da crítica Acássia Araújo Barreto

apontando que a obra alia reflexão histórica, dados mercadológicos e análise das obras.

Magnólia Costa comenta o livro “Ativismo Curatorial no Brasil” (Editora Mireveja, 2025), organizado por Ana Avelar e Marcella Imparato. Os leitores vão observar os depoimentos de 15 curadores atuantes em diferentes contextos, ressaltando-se a dimensão de uma política de ação em suas práticas.

A crítica Priscila Arantes destaca, na seção *Exposição*, “Venenosas, Nocivas e Suspeitas”, da artista brasileira Giselle Beiguelman, que resgata a memória de plantas estigmatizadas ou proibidas pelo colonialismo, articulando botânica, saberes ancestrais, arte e tecnologia.

Flávio Nogueira entrevista o curador independente queniano Thaddeus Wamukoya (Thadde Tewa), que destaca os desafios e as possibilidades da cena da arte contemporânea no Leste Africano.

José Minerini traz um texto inusitado em *Variedades*. Misto de crítica e crônica, usa o palavreado da cultura *queer* e neologismos popularizados pela internet.

Jacob Klintowitz apresenta em *Ensaio Visual* o pintor Cirton Genaro. E surpreende os leitores com a pesquisa de 20 anos do artista sobre o mito do feminino e também a condição da mulher. São 49 pinturas e um desenho.

*Leila Kiyomura,
Lisbeth Rebollo Gonçalves
e Sandra Makowiecky*

Coordenação Editorial